



**PARRESIA E EXPERIÊNCIA ÉTICA:
uma leitura foucaultiana**

Kleyde Jomara Vilasbôas¹

RESUMO: O presente trabalho busca refletir sobre a noção de parresia e sua relação com a experiência ética, na perspectiva do cuidado de si, discutidas por Michel Foucault, no curso *A Coragem da verdade* (1984), em que o filósofo relaciona o exercício da fala franca, com a constituição de um modo de ser do sujeito, com seus aspectos morais e éticos. Utilizando o método genealógico, a partir do qual, analisa textos clássicos dos filósofos gregos, o pensador descreve que, na antiguidade, o agir com base no dizer-a-verdade constitui-se como experiência ética que move o sujeito na constituição de si, a partir da coragem da verdade.

Palavras-chave: Ética; Parresia; Verdade; Cuidado de si; Subjetividade.

Abstract: This article proposes to reflect on the notion of parrhesia and its articulation with ethical experience, from the perspective of self-care, discussed by Michel Foucault, in the course *The Courage of Truth* (1984), in which the philosopher relates the exercise of frank speech, with the constitution of a subject's way of being, with its moral and ethical aspects. Using the genealogical method, from which he analyzes classic texts by Greek philosophers, the thinker describes that, in antiquity, acting based on truth-telling constitutes an ethical experience that moves the subject in the constitution of himself, from the courage of truth.

Keywords: Ethics. Parrhesia. True. Take care of yourself. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

Os últimos trabalhos de Michel Foucault foram dedicados à análise do tema da parresia, nos cursos ministrados no Collège de France. São eles: *A Hermenêutica do Sujeito*, em 1982; *O governo de si e dos Outros*, em 1983; e *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II*, em 1984. Para produzir estes textos, o pensador realizou análises genealógicas

¹ Unisinos.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



de obras clássicas gregas e textos de pensadores cristãos do século IV. Seus estudos buscavam compreender como a atitude parresiástica orientava o modo de vida do sujeito em relação à verdade, através da prática discursiva do falar com franqueza, isto é, da coragem da verdade.

A prática do discurso verdadeiro, presente na noção de parresia fazia parte da democracia ateniense, lastreada no princípio de que os cidadãos tinham a capacidade de pensar e se expressar juntos, em público, ou de forma privada, valendo-se do discurso franco. As deliberações oriundas de tais práticas conduziriam ao bem comum da pólis. Portanto, a atitude parresiástica relaciona-se ao desenvolvimento da democracia grega, por um viés político-pedagógico, com o objetivo de formar cidadãos.

Foucault compreende a noção de parresia como uma técnica relacionada às práticas de subjetivação do discurso verdadeiro. Destaca o pensador francês:

O termo parrhesía refere-se, a meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao êthos, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à tékhne, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si. (FOUCAULT, 2010, p.334).

O sujeito volta-se para si mesmo e, mais do que isso, coloca-se em relação com a verdade. A maneira como o sujeito se constitui é pautada numa relação de intimidade com a verdade da qual se apropria, formando um elo entre o que diz e o que pensa, passando a ser a expressão mais verdadeira de si mesmo.

Ao estudar os procedimentos de governo das condutas dos indivíduos na cultura da antiguidade grega, Foucault buscou analisar as técnicas de si, vistas como práticas destinadas à constituição e desenvolvimento de subjetividades, à formação de um agir ético em torno do bem comum, relacionadas a ações éticas de liberdade, realizadas pelos sujeitos.

Em seus estudos, Sócrates e Platão surgem como exemplos de expressão da prática do dizer verdadeiro, como atitudes filosóficas que exprimem o vínculo de potência entre a própria vida e a coragem da verdade. A expressão da verdade de forma corajosa e escandalosa, surge com



os filósofos cínicos, ao manifestarem o mais rigoroso comprometimento de viver conforme aquilo que se diz.

O pensamento dos filósofos cínicos, por meio de seu modo de vida, faz de sua própria existência o alicerce para a verdade se conectar com a filosofia nas formas do existir, tornando-as uma coisa só. Tal atitude, possibilita que seja vivenciada e expressada de forma franca aos outros. Nas palavras de Foucault,

A vida como presença imediata, brilhante e selvagem da verdade, é isso que é manifestado no cinismo. [...] A verdadeira vida como vida de verdade. Exercer em sua vida e por sua vida o escândalo da verdade, é isso que foi praticado pelo cinismo. (FOUCAULT, 2014. p.152).

O interesse pelo desenvolvimento e transformação dos indivíduos na antiguidade grega encontrava suporte na filosofia, buscando um alicerce racional, político e ético com foco na formação das virtudes, da prudência e no aperfeiçoamento da liberdade das condutas, uma vez que se sustentavam na prática do dizer a verdade (parresia) e na cultura do cuidado de si. (epimelía heautoû).

Foucault descreve a parresia e a cultura do Cuidado de Si, como técnicas de si, experiências que serviam de matéria-prima para a formação dos processos de subjetivação, elementos que contribuíam na vida política dos cidadãos gregos, helenos e romanos. Portanto, a parresia, enquanto prática do dizer-a-verdade, assim como o Cuidado de Si funcionavam como princípios que orientavam a forma de existência do sujeito na sua feição individual, política e ética, moldando suas práticas de liberdade e modos de ser.

Nesse sentido, considerando os elementos encontrados por Foucault, em sua pesquisa genealógica na cultura antiga, observa-se uma articulação entre as práticas discursivas conformadas como verdadeiras e a constituição dos sujeitos, moldados, a partir de um princípio ético norteador de suas condutas, a partir de uma tecnologia de si, no âmbito da cultura da qual fazem parte.

As formas do discurso que engendram modos de dizer a verdade, estabelecidos pelos grupos sociais em seus variados contextos institucionais, pedagógicos, filosóficos, epistemológicos,



éticos e políticos contribuem para a constituição do sujeito para si e para os outros, produzindo efeitos de sentido nas relações entre formas de poder e os regimes de verdade, que fazem resultar em variadas formas de sujeição.

A reflexão provocada por Foucault, a partir de sua análise sobre a constituição do sujeito greco-romano, instiga-nos a pensar sobre as práticas discursivas e técnicas de si, nas quais se constrói e modifica a experiência que os indivíduos têm de si mesmos. Neste sentido, inspirado nas discussões aqui empreendidas, este trabalho objetiva lançar um olhar crítico sobre a necessidade de se estabelecer novas percepções de como se processam as práticas sociais e são configuradas as subjetividades.

2. O lugar da experiência ética

Embora seja comum o registro de que a obra de Foucault pode, cronologicamente, ser dividida em três fases: arqueológica, genealógica e a fase dedicada à ética, o filósofo procura esclarecer, ao retomar o tema da parresia, que essas presumidas etapas de seu pensamento estão entrelaçadas em torno de uma mesma empreitada: “A articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer” (FOUCAULT, 2014. p.9). Foucault salienta, portanto, que passar pelos três eixos, do saber, do poder e da ética, não significa que os três domínios sejam estranhos uns aos outros. Segundo o pensador:

Trata-se, ao contrário, da análise das relações complexas entre três elementos distintos, que não se reduzem uns aos outros, que não se absorvem uns aos outros, mas cujas relações são constitutivas umas das outras. Esses três elementos são: os saberes, estudados na especificidade da sua veridicção; as relações de poder, estudadas não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é governada; e enfim os modos de constituição do sujeito através das práticas de si. É realizando esse triplice deslocamento teórico – do tema do conhecimento para o tema da veridicção, do tema da dominação para o tema da governamentalidade, do tema do indivíduo para o tema das práticas de si – que se pode, assim me parece, estudar as relações entre verdade, poder e sujeito, sem nunca reduzi-las umas às outras. (FOUCAULT, 2014. p.10).

Gros, ao comentar o texto *A hermenêutica do sujeito*, destaca que



[...] a partir dos anos oitenta, estudando as técnicas de existência promovidas pela Antiguidade grega e romana, Foucault deixa aparecer uma outra figura do sujeito, não mais constituído, mas constituindo-se através de práticas regradas. O estudo do Ocidente moderno lhe ocultara por muito tempo a existência destas técnicas, obscurecidas que estavam no interior do arquivo pelos sistemas de saber e os dispositivos de poder. (Gros,2006, p.621).

Na primeira hora da aula do dia 12 de janeiro de 1983, no curso *O Governo de Si e dos Outros*, (FOUCAULT, 2013), o pensador apresentou os deslocamentos de suas análises, saindo do campo dos estudos da história do desenvolvimento dos conhecimentos para os estudos das formas de veridicção. Bem assim, passou a se ocupar da história e da análise dos procedimentos e das tecnologias de governamentalidade e por último, deslocou-se de uma teoria do sujeito para uma análise das técnicas e relações do sujeito consigo. É dessa necessidade de estabelecer a articulação entre esses três eixos, que surge, portanto, a noção de parresia. Destaca o filósofo:

E, ao colocar a questão do governo de si e dos outros, gostaria de procurar ver como o dizer-a-verdade, a obrigação e a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos de governo podem mostrar de que modo o indivíduo se constitui como sujeito na relação consigo e na relação com os outros. (FOUCAULT, 2013, p.42).

Na esteira do pensamento de Foucault, a compreensão do que vem a ser um discurso verdadeiro nos encaminha a abandonar qualquer consideração que faça referência a questões lógicas, a critérios internos ou externos, que possam embasar a o sentido de que algo é verdadeiro ou não. O que está em discussão, no entendimento foucaultiano, é, pois, o interesse num conhecimento reflexivo a respeito de si e do mundo, no sentido de possibilitar a compreensão dos modos como são elaboradas as próprias condutas, uma história da ética, da maneira como o sujeito constitui a si mesmo e opera uma transformação no outro, a partir do seu dizer franco, da coragem da verdade. Sobre esse entendimento da ética como resultado da relação do sujeito consigo mesmo, Foucault define história da ética como

[...] a história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral; essa história será aquela dos modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das



relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si. (FOUCAULT, 1984, p. 29).

Esse afastamento do pensador, da noção de verdade vista por um viés lógico-formal se justifica pela necessidade de se instaurar uma outra perspectiva, visto que o campo da formação dos saberes, com seu grau de racionalidade e objetividade, não dá conta de promover um aperfeiçoamento na forma como se analisam os acontecimentos históricos. Portanto, a genealogia se ocupa de investigar como os saberes são produzidos e como funcionam seus mecanismos de controle e dominação.

No que se refere ao exercício da parresia, esse deslocamento é atravessado pela problematização do modo como são articuladas as práticas discursivas e as condutas. É nesse lugar, que surge a noção de *ethos* em substituição a ideais universais, racionais e metafísicos. O que está em jogo, é a prática do cuidado, o exercício de transformação da vida em obra de arte – uma arte de existência, pautada no cuidado de si e do outro.

2.1 Sobre o cuidado de si (*epiméleia heautoû*)

Como já mencionado, em seção anterior, a última fase do pensamento de Michel Foucault se ocupa de questões voltadas à constituição do sujeito e sua relação com a verdade, no sentido de refletir sobre os efeitos dos discursos considerados verdadeiros na formação das subjetividades. Tomando por base tais questionamentos, o pensador empreendeu uma profunda pesquisa histórica, analisando as origens e a produção dos saberes e práticas discursivas que serviram de substrato para a constituição das relações do sujeito consigo e com os outros, na formação do pensamento ocidental. Para tal empreitada, dirigiu-se ao estudo das culturas grega, helênica e romana.

A noção grega de *Epimeléia heautoû*, cujo significado é o Cuidado de Si, enquanto uma atitude de ocupar-se consigo, é encontrada no curso *A hermenêutica do sujeito*, ministrado no Collège



de France, entre 1981-1982, mais especificamente, na aula de 6 de janeiro de 1982, primeira hora.

A ideia de “conhece-te a ti mesmo”, famosa prescrição délfica (*gnôthi seautón*), enquanto princípio fundador do pensamento ocidental, referência da relação entre sujeito e verdade é deslocada, na medida em que Foucault retoma a noção de Cuidado de Si como um dispositivo de constituição de uma subjetividade livre, soberana, fundada na potência da experiência ética.

O *gnôthi seautón* (‘cohece-te a ti mesmo’) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. É neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo’. (FOUCAULT, 2010, p.6).

O princípio do cuidado de si é compreendido como um conjunto de práticas, que envolvem meditação, técnicas de memorização e exame de consciência e que buscam uma transformação individual e no modo de se relacionar com o mundo e com os outros.

[...] com a noção de *epiméleia heautoû*, temos todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. (GROS, 2006, p.15).

O cuidado de si surge, na história do pensamento, como uma forma de se constituir uma subjetividade. Em razão disto, a problematização estará em torno da relação entre sujeito e verdade. No preceito “*conhece a ti mesmo*”, parece se buscar uma verdade, enquanto o “*Cuidado de Si*” inspira uma prática da verdade. Nesse sentido, em Foucault, o cuidado de si se consubstanciará numa prática para toda a vida, um princípio norteador do agir ético que se põe a todos; um exercício constante de si, um contínuo experimentar-se, a partir de técnicas que vão constituir o *ethos*.

Foucault compreende o *ethos*, entre os gregos antigos, como uma atitude, como um agir voluntário na sua forma de sentir, pensar e pautar suas condutas, como característica de pertencimento e como tarefa. Isso vai definir as ações do indivíduo, sua experiência ética em



meio à coletividade. Trata-se de colocar em prática alguns exercícios que possibilitem o cuidado de si e do outro em suas relações de poder e força.

Por atitude, quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamam *ethos*. (FOUCAULT, 2005, p.341).

Foucault empreende um olhar crítico à filosofia kantiana no que concerne à noção de sujeito transcendental, ao postular em oposição a Kant, que o conhecimento é circunstancial, descontínuo, fragmentado, devendo sempre considerar as condições históricas do período a ser analisado. Compreende que o conhecimento de nós mesmos só pode ocorrer, dentro dos limites da historicidade, e dependerá de uma atitude filosófica de nos ocuparmos conosco, de nos debruçarmos sobre nós mesmos, realizando, assim, a prática do cuidado de si. Nesse sentido, a filosofia deve instaurar um verdadeiro exercício de crítica e constante problematização. Nas palavras do filósofo,

Uma ontologia crítica do presente de nós mesmos deve ser considerada não como uma teoria, doutrina ou corpo permanente de saber que se acumula; deve ser concebida como uma atitude, um *êthos*, como uma via filosófica onde a crítica daquilo que somos – seja ao mesmo tempo – uma análise histórica dos limites nos quais estamos situados e a prova de sua ultrapassagem possível. (FOUCAULT, 2005, p.578).

Assim, são necessárias práticas e exercícios constantes para realizar a experiência de voltar o olhar para si mesmo e atingir o saber, o qual Foucault considera saber espiritual.

O *ethos* está, portanto, intimamente relacionado aos eventos históricos, às práticas sociais e discursivas que configuram uma determinada realidade social. A atitude ética é sempre pensada no campo da historicidade, em função de um conjunto de práticas coletivamente estabelecidas e que irão configurar-se no ato em si, isto é, em forma de exercício, na forma do agir. Assim, as formas de racionalidade que organizam e configuram as práticas sociais, as maneiras de fazer, correspondem a sua feição tecnológica, às técnicas de si.



A questão filosófica que se impõe, então, a partir das colocações de Foucault, é que é preciso compreender a natureza das técnicas de si, para compreender de que forma as subjetividades são constituídas.

À obra Alcibiades, socrático-platônica, dedicada à temática do cuidado de si, é creditada a importância para a compreensão do viver, enquanto arte do existir.

É no Primeiro Alcibiades de Platão que se encontra a primeira elaboração filosófica do cuidado de si que eu desejo examinar aqui. (...) Esse diálogo constitui então o ponto de partida que nos fornece o programa de toda filosofia platônica. “Ocupar-se com o cuidado de si” é o primeiro princípio. (FOUCAULT, 2010).

No texto platônico, Alcibiades, ao dialogar com Sócrates sobre sua vontade de governar a cidade, é convencido por ele de que não possui amadurecimento suficiente para isso. Pergunta a Sócrates, então, o que deve fazer para se aprimorar e Sócrates o responde que deve se ocupar consigo mesmo.

Sócrates –Como assim, Alcibiades? Não reconheces que cuidar de alguma coisa é fazer algo a seu respeito? Alcibiades –Decerto. Sócrates –E sempre que o tratamento deixar essa coisa melhor do que era antes, não dizes que ela foi bem cuidada?

Sócrates orienta Alcibiades sobre o ato de cuidar de alguma coisa como forma de torná-la melhor, de aprimorá-la. Nesse sentido, o cuidado significa lapidar algo, removendo seus defeitos e imperfeições, aperfeiçoando-o. Alcibiades, através do ato de cuidar de si, deve talhar-se, lapidar-se, para se tornar apto a governar a cidade.

Sócrates esclarece a Alcibiades que ocupar-se consigo não corresponde a ocupar-se com objetos que pertencemos. Segundo o filósofo, não é a arte por meio da qual deixamos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos.

Nessa esteira de pensamento, depreende-se, a partir dos ensinamentos de Sócrates a Alcibiades que, para ser capaz de governar a cidade, governar o outro, primeiro é fundamental que se ocupe consigo mesmo, que conheça a si mesmo e aprimore a prática de governar a si.

O princípio encarnado pela noção de *epimeleia heautou* foi se espalhando e ganhando significações diversas, no decurso do século V a.C ao século V d.C., iniciando sua influência



na filosofia grega, atravessando o helenismo até chegar à espiritualidade cristã. Tal noção consiste em um conjunto de práticas exercidas pelo sujeito na relação consigo.

Na história da cultura de si, o tempo deve ser dedicado a voltar-se para si mesmo, e ocupado por exercícios, tarefas práticas, atividades diversas de memorização de princípios, cuidados com o corpo, com a saúde, meditações, leitura, escrita, entre outras. Por cuidado de si entende-se então uma noção plural, que agrega diversos cuidados consigo mesmo, diversas práticas de si mesmo, diversas atividades do indivíduo sobre si mesmo.

A partir da própria teoria do cuidado de si, é possível compreender, nos estudos de Foucault, que a experiência ética do cuidado e o dizer verdadeiro sobre si, se interligam no processo de formação do sujeito.

2.2 A Parresia: entre dizer e viver

Na primeira aula do curso de 1984, *A coragem da verdade*, Foucault destacou que na cultura grega e romana havia um princípio fundamental condizente à própria cultura do cuidado de si: “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p.05). Esta dimensão do dizer a verdade sobre si, Foucault denominou de aletúrgica. Ela, em nada se aproxima dos “discursos que se dão e são recebidos como discursos verdadeiros” (Ibid., p.04), como é o caso da verdade na modernidade ocidental, constituída e assentada em um tipo específico de conhecimento ou de seus princípios verdadeiros. No caso das formas aletúrgicas, a produção da verdade se dá no “ato pelo qual a verdade se manifesta” (Ibid., p.05). A ideia de aleturgia surge como um tipo de manifestação da verdade que acontece, a partir da participação do sujeito como potência ética, tendo na coragem exigida por estes atos, a validação desta verdade. A esse respeito, o filósofo diz que cumpre entender

sob qual forma, no seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui ele mesmo e é constituído pelos outros como sujeito detentor de um discurso de verdade, sob qual forma se apresenta, aos seus próprios olhos e aos dos outros, aquele que diz a verdade, qual é a forma do sujeito de dizer a verdade. (FOUCAULT, 2014, p.04).



Nas pesquisas do filósofo, a noção de parresia está relacionada à conduta moral, conformando-se num agir ético, enquanto procedimento técnico que faz parte da constituição do sujeito, senhor de suas ações. Nesse diapasão, o sentido do termo parresia refere-se a “tudo-dizer”, à franqueza da palavra pronunciada no momento oportuno. Desse modo, a parresia exerce, no sujeito, transformações que são alcançadas, a partir da valorização do discurso verdadeiro, na medida em que oportuniza ao parresiasta, que ele possa dizer efetivamente aquilo que pensa, manifestando uma convicção pessoal à qual está intimamente ligado e da qual se apresenta como testemunha.

No curso de 1983, nosso pensador destaca que a noção de parresia é fundamentalmente uma noção política, arraigada na problematização da democracia, derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito moral. (FOUCAULT, 2010, p.09). Dedicou esse curso (O governo de si e dos outros) a essa análise da parresia como conceito político. Já no curso, *A Coragem da Verdade*, retomou o tema da parresia enquanto história antiga das práticas do dizer-a-verdade sobre si mesmo. Nas palavras do filósofo:

A parresia consiste no franco-falar: um falar livremente, tudo dizer. o dizer-a-verdade sobre si mesmo, e isso na cultura antiga (logo bem antes do cristianismo) foi uma atividade conjunta, uma atividade com os outros, e mais precisamente uma atividade com um outro, uma prática a dois. e é o outro, presente e necessariamente presente na prática do dizer-a-verdade sobre si mesmo que me reteve e me deteve. (FOUCAULT, 2014, p.06).

A parresia interliga os modos de veridicção, modos fundamentais de relação da verdade com o mundo. São eles: a profecia, a sabedoria, a técnica e a parresia. O **estudo** das técnicas de governamentalidade examina as práticas de governo em suas complexas relações com as várias formas pelas quais a verdade é produzida nas esferas social, cultural e política. Através da parresia se estabelece a correspondência entre dizer e viver; e por fim, a identificação das formas de práticas de si (o sujeito com as práticas de suas verdades, a fim de se obter condições necessárias para a construção de um modo de ser).

O modo de vida testemunhado pela filosofia cínica possui relações significativas no que se refere à parresia. Para que um sujeito possa se tornar parresiasta, faz-se necessário que ele possua uma forma de vida conectada a seu discurso. Assim, o estilo de vida cínica é pautado



no franco falar, por ser uma filosofia prática. “O cinismo me parece, portanto, uma forma de filosofia na qual modo de vida e dizer-a-verdade estão direta, imediatamente, ligados um ao outro.”. ((FOUCAULT, 2014, p.144).

A parresia se caracteriza por uma prática que se forma e se determina pelo efeito do discurso verdadeiro que lhe é endereçado; certa forma de ser, um modo de fazer e de se comportar que objetiva, por meio desse dizer-a-verdade, um certo trabalho sobre o ethos do sujeito e induz à alma certos efeitos de transformação. (modos de veridicção, estudo das técnicas de governamentalidade, a identificação das formas de práticas de si.

Foucault descreve que, já na antiguidade, a parresia possuía valor duplo, podendo ser valorada tanto positivamente, quanto negativamente. No sentido pejorativo, se diz qualquer coisa sem obediência a um princípio de racionalidade, a um princípio de verdade. (essa má cidade democrática pratica a parresia; todos podem dizer qualquer coisa. (Ibid. p.11).

O sentido positivo da parresia é caracterizado por Foucault por:

Dizer a verdade sem dissimulação, sem reserva, nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la. A parresia é o “dizer tudo”, mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade; dizer a verdade sem mascará-la com o que quer que seja. (Ibidem.).

Nesse sentido, em relação a esse valor positivo do termo, a parresia dependerá de quatro condições: 1) dizer tudo; 2) dizer a verdade; 3) dizer o que pensa 4) assumir um risco. Os aspectos estruturais da parresia seriam, portanto: a verdade, pois é preciso “dizer tudo” da verdade, sem mascará-la; o engajamento, pois é preciso não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa, (e não) da boca pra fora (Ibidem, p.11); O pacto, pois aquele a quem essa parresia é endereçada deverá mostrar sua grandeza de alma aceitando que lhe digam a verdade (Ibidem, p.13) e, por fim, o risco, uma vez que, o sujeito, ao dizer essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito a própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. (Ibidem, p.12).



O parresiasta precisa ter a coragem necessária para enfrentar o perigo de romper o vínculo de intimidade fundamental que possui com seu interlocutor, ao dizer a ele verdades desconfortáveis. Bem assim, precisa enfrentar o perigo de violência física, físico, que pode atingir a própria vida, ao dizer verdades incômodas. Essa espécie de pacto, entre aquele que assume o risco de dizer a verdade e aquele que aceita ouvi-la, está no cerne do que se poderia chamar de jogo parresiástico. (Ibidem, p.13)

Foucault descreve a diferença entre a retórica e a parresia, destacando que, na retórica, não há vínculo de crença entre aquele que fala e aquilo que é dito. É, no fundo, uma técnica que concerne à maneira de dizer as coisas, mas não determina as relações entre aquele que fala e aquilo que ele diz. Já, em relação à parresia, há vínculo inseparável entre aquele que diz e o que se diz, além de um risco de rompimento do pacto entre aquele que fala e seu interlocutor. Trata-se de uma relação entre aquele que manifesta seu falar franco, fruto de sua convicção, de forma engajada e sob condições de risco.

O parresiasta é atravessado pela coragem da verdade, que está sob condições de arriscar a si mesmo e o pacto que possui com aquele que o escuta. Além da parresia, nosso pensador elenca mais três formas de veridicção, a saber: a técnica, a profecia e a sabedoria e aponta a influência dessas formas de veridicção na criação da realidade:

Em vez de ser o objeto de uma descoberta com vocação universal, a verdade é produzida por rituais, procedimentos e tecnologias historicamente datadas; em vez de se conformar com um real pré-dado, a verdade é inventada e criadora de realidades; em vez de se referir a um sujeito conhecedor autônomo, ela é técnica de sujeição e de normalização dos indivíduos. (Ibidem, p.307)

Passa, então, no transcorrer do texto, a diferenciar as modalidades de veridicção. A primeira delas é a *tékhnē*, através da qual se trata de transmitir conhecimentos positivos e, assim, consolidar uma comunidade de iniciados. O técnico ensina e trabalha com a verdade, e o faz por obrigação, pois seu ofício é o dizer ou o agir, conforme a verdade que possui. É assim, um detentor de



um saber característico como tekhné, saber-fazer, quer dizer, saber implicado em conhecimentos, mas conhecimentos que tomam corpo em uma prática e que implicam, para seus aprendizes, em conhecimento teórico, bem como em uma série de exercícios. (Ibidem., p.23).

A segunda modalidade de veridicção é apresentada pela figura do sábio, que não tem a obrigação de falar: “é o seu modo de ser sábio como modo de ser pessoal que o qualifica como sábio, e o qualifica para falar o discurso da sabedoria” (Ibidem, p.17-18).

A terceira modalidade de veridicção se dá, através da figura do profeta, que é aquele que diz a verdade de forma enigmática, desvelando o destino. Não fala em nome de si ou da verdade, mas de uma divindade.

Em se tratando da parresia, ela se apresenta com essencial distinção em relação à outras modalidades de veridicção, pois nela se pratica a coragem da verdade por si mesmo, e não em nome de outros. Trata-se de uma maneira de ser, que conecta o indivíduo com vida; é uma verdade construtora de realidades, que põe em jogo o discurso verdadeiro que os gregos chamavam de ethos.

Foucault reconhece no princípio socrático do “conhece-te a ti mesmo”, uma atitude, um dizer que reúne, de forma profunda, todas os modos de veridicção presentes na cultura da Grécia antiga. O exemplo de vida de Sócrates significa, no pensamento de Foucault, um exercício de verdadeira coragem, posto que a expressão da verdade não se apresenta apenas na atividade da fala franca, mas na manifestação de senso ético que atravessa sua vida.

Considerações finais

Ao analisarmos a obra *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*, observamos os deslocamentos propostos por Foucault, no último eixo de sua obra, que se ocupa da estética da existência, da ética e do cuidado de si. Nesta fase, não há mais interesse em estabelecer uma analítica das relações entre verdade, poder e sujeito, mas o foco torna-se realizar uma genealogia, um estudo histórico dos modos de veridicção que interligavam os sujeitos às suas condutas. Assim, se inaugura outro modo de se pensar a verdade como fonte histórica da experiência.



Segundo pontua Foucault, a emancipação do sujeito reside, portando, na ideia do ocupar-se de si, constituir sua subjetividade, de forma livre, autônoma e soberana, orientadas sob as bases do falar franco, do discurso parresiástico, do mestre condutor de almas. Esta é uma atitude ética, de transformação de seu ethos, que faz surgir uma nova subjetividade do sujeito e a sua forma de se relacionar com a noção de verdade.

As técnicas de subjetivação fazem surgir, no sujeito, práticas de cuidado consigo, num movimento de conhecer a si mesmo, quanto de cuidado com o outro, que promove, assim, o lugar do agir ético, no campo da política, no domínio da coletividade. O sujeito que cuida de si possui conduta livre e consciente do seu agir, porque se torna senhor de si, uma vez que se conhece. Ao tempo em que sabe cuidar de si, o indivíduo tem como referência o senso ético para poder cuidar dos outros.

A noção de parresia se articula, portanto, à noção ética do cuidado de si, promovendo a transformação do ethos do sujeito, na dimensão das práticas de subjetivação. Nesse sentido, é na perspectiva do falar franco, da veridicção que podemos compreender a consubstanciação política da ética do cuidado de si, uma vez que aquele que se compromete com o dizer-a-verdade, obriga-se ao agir com sinceridade e busca orientar de forma ética, as outras pessoas no âmbito das relações de poder. Essa experiência ética de observância àquilo que o sujeito acredita ser a verdade, manifesta-se, por si, como um ato político.

O que pretendemos demonstrar no presente texto, é que a análise da parresia, como forma de veridicção aqui estudada, nos encaminha a perceber, como em determinado momento histórico, o conhecimento de si e o cuidado de si passaram a se interligar, formando, assim, uma experiência ética. O cuidado de si, o ocupar-se de si é conhecimento que se traduz em modo de vida. É esta a grande provocação de Foucault, no que diz respeito aos desafios e transformações de nosso tempo.

Compreender que o pensamento de Foucault tem muito a contribuir para os desafios do nosso presente é perceber o grau de profundidade e abrangência dos diversos temas discutidos em sua obra. Suas investigações se dedicam ao funcionamento dos mecanismos, estruturas e



instituições das sociedades contemporâneas, no que concerne às relações de poder existentes nos mais diferentes contextos da vida social e, de onde emergem as variadas formas de subjetivação, que resultam em uma constituição ética do sujeito.

Referências

CANDIOTTO, Cesar. Foucault e a crítica da verdade. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.

_____ (1984) O Que São as Luzes? In: _____ Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Editora Forense Universitária, 2005.

_____ *A Hermenêutica do Sujeito*. Sp. 3^o ed. WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O Governo de si e dos outros*. Sp. 1^a ed. WMF Martins Fontes, 2013.

_____ *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II*. Sp. 1^a ed. WMF Martins Fontes, 2014.

GROS, F. Situação do curso. FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. Diálogos. Pará: Universidade Federal do Pará. 1975.

REVEL, Judith. “O pensamento vertical. Uma ética da problematização”. In: Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.